

RECENSÕES

Branca

Nos Rastos da Solidão. Deambulações Sociológicas

José Machado Pais, *Nos Rastos da Solidão. Deambulações Sociológicas*, Porto, Âmbar, 2006.

Isabel Dias¹

No presente livro J. Machado Pais dá-nos conta das “deambulações de um sociólogo que, nos rastros da solidão, mira e remira achados comportamentais (*exóticos*) para lhes achar os avessos sociais (*endóticos*)” (21). Nele “descobre-se como um “etnógrafo urbano”, “mistura-se no público, no papel de observador clandestino”. Assume-se como um “sociólogo que passa por o não ser para melhor o ser” (21) e transforma-se num “participante natural da realidade que observa” para prosseguir - “uma caminhada que se foi fazendo no seu próprio caminhar”, com dúvidas e dilemas.

Um desses dilemas está associado, desde logo, às múltiplas definições de solidão e à necessidade (ou não) de se partir, na investigação, de uma sua definição prévia. Ao apresentar esta questão na Introdução, o autor recorda que Durkheim aconselharia, certamente, uma definição prévia de solidão, pois tal como qualquer outro fenómeno, ela seria “uma coisa com natureza própria” (13). Neste sentido, o seu estudo passaria pela inventariação de uma certo número de características “externas” que nos permitiriam reconhecer a existência da solidão” (13).

O senso comum poderia ser uma outra forma de abordagem do fenómeno. Neste caso, o acesso ao que pode significar solidão, estaria simplificado pois, como refere o autor, cada “(...) um de nós com a sua experiência individual de solidão, poderia rever-se nesse mesmo senso comum” (13). Contudo, à Sociologia não interessa “atingir um conhecimento decalcado do senso comum. Pelo contrário, interessa-lhe “compreender os mecanismos sociais que o produzem” (15). “A compreensão prévia do que significa a solidão para quem a vive é uma via mediadora para o entendimento das formas sociais como ela é vivida” (13).

¹ Professora Auxiliar do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigadora do Instituto de Sociologia da mesma Faculdade (ISFLUP). E-mail: mdias@letras.up.pt

A propósito do dilema em análise, o autor evoca ainda M. Weber. Recorda que segundo este, é difícil dar uma definição de qualquer fenómeno social antes de ser investigado. Neste sentido, ainda que se conseguisse definir um “tipo ideal” de solidão “ficaria sempre por descobrir a realidade da solidão em suas singularidades” (14).

Tendo presente que as representações sociais da solidão abarcam uma grande heterogeneidade de significados e repousam numa circularidade lógica que se institui como obstáculo à sua interpretação, o autor assumiu como referentes empíricos os “rostos” de quem vive a solidão. A centralidade desta variável implicou a definição de dois critérios metodológicos fundamentais, designadamente o isolamento e o relacionamento, entendidos como duas margens de variabilidade convergente, que determinam o leito no qual flui o sentimento de solidão (15).

Metodologicamente J. Machado Pais pôs em prática, nos diversos estudos de caso realizados, uma efectiva “triangulação”, recorrendo, para o efeito, a várias escalas e a diversos meios” – entrevistas, observação, participação (26). Através destes procedimentos de pesquisa, dá-nos a conhecer –“retratos compósitos”, “esboços fragmentários” de vivências de solidão”, revelando-nos que esta tem diferentes rostos, tal como lhe ensinara José, “um velho habitante das territorialidades de margem” (15). Foi também José que lhe chamou a atenção para a distinção importante entre solidão e estar só. A primeira refere-se a “um estado (interior) de subjectividade”, ao sentimento de quem não pode assumir uma autonomia de vida, nem ajudas que preencham esse designio. Estar só, refere-se mais a uma situação (exterior) visível e objectiva; por vezes, a um “isolamento desejado”, como sucedia com os poetas e devotos, em finais da Idade Média (19).

É sobretudo a solidão de “abandono e desamparo, de ruptura com laços afectivos” que o autor procura retratar neste livro. “O alvo de mira são os laços sociais” que integram ou desintegram, isto é, que “provocam solidão” (19-20). O conceito de solidão é, como diz o autor, um excelente exemplo de um conceito sensibilizador e não definitivo, na medida em que “carece de referências precisas e não possui limites que permitam determinar com clareza o seu conteúdo” (27).

Aliada a um método que privilegiou as observações *in vivo*, a *intuição sociológica* foi a bússola das deambulações sociológicas de J. Machado Pais em busca dos rastos de solidão, nos oito estudos de caso que compõem o presente livro. Estes estudos de caso são, como refere, “encarnações de modos de vidas onde desponta a solidão na sua quotidianidade, em suas vivências mais banalizadas” (351).

Mobilizado pelo conhecimento fenomenológico dos modos de viver dos sem-abrigo, o autor dá-nos a conhecer, no estudo de caso “A minha casa é um mundo: os sem-abrigo”, *percursos de sobrevivência*, tocando-nos com as deambulações de solidão do “casal dos sacos”, da “mulher do cachimbo” e do “caçador de achados”. Chama-nos a atenção para o facto de entre todos aqueles que tomaram a rua como casa, podermos encontrar histórias de vida distintas e diversas formas

de desenlaces sociais. Refere que entre os sem-abrigo com quem conversou, as rupturas afectivas foram determinantes na opção de viver na rua. A fragilização ou corte dos laços familiares, provocada por separações conjugais ou relacionamentos deteriorados; a ausência de família, por morte ou abandono, geraram situações de abandono que se prolongaram na rua (46). Neste estudo de caso, J. Machado Pais dá-nos ainda a conhecer os “Retratos” do sem-abrigo Mota, de forma a podermos ver o mundo através do seu olhar. Os “Retratos” do Mota valem pela sua própria imagem. Expressam “visibilidades invisíveis que falam por cima das palavras” (64). O autor termina as suas primeiras deambulações pelos rastros de solidão com a afirmação de partida do presente estudo de caso sobre os sem-abrigo: “a minha casa é um mundo”, ainda que as redes relacionais desse mundo sejam frágeis (64).

Nas “Fases ocultas da loucura: o consumismo que nos consome”, o autor propõe-se considerar a loucura como fazendo parte, também, de uma ordem social. Tenta assim “afrontar a crença comum de que a loucura é uma ilha perdida no oceano da razão” (93). As perturbações mentais são expressão de convulsões sociais, devendo-se procurar, de igual modo, a sua origem em factores sociais. A loucura é “um continente que se mascara de razões” (77-78). Neste estudo de caso, o seu objecto veste-se de “camisa de flanela aos quadrados”. A sua perseguição foi-lhe desvelando aspectos reprimidos do viver urbano. Compara, por exemplo, a “cidade virtual”, isto é, o centro comercial, com o manicómio. A este propósito, refere que “os Shoppings são instituições por onde circulam fantasias e delírios. A diferença é que, neste caso, elas giram em torno do consumo. Nos manicómios o delírio é a doença” (89). A própria vida parece-se com o centro comercial. “Entre-se para ver em que param as modas, experimentam-se roupas, seguem-se itinerários um pouco ao acaso” (93). A solidão coexiste com formas urbanas de sociabilidade. Mas ninguém olha para a loucura quotidiana em que vive. Loucos são os outros. O sujeito da “sociedade íntima” convive mal com a solidão (95-97). Na procura de nós mesmos, a Medicina não nos pode ajudar se esquecer que a solidão é “recorrentemente sintoma de desenlaces sociais” (97). A alienação através do consumismo também não ajudará. Este apenas nos conduzirá ao “encantamento desilusionante” (100). Através do consumo caminhamos para uma “sociedade de aparente labilidade” (102).

O autor toma ainda algumas tabernas e tascas da cidade como pontos de observação. No estudo “Peregrinando tabernas: fugas de si mesmo”, procura explorar a hipótese de pesquisa de que “o beber pode proporcionar um trânsito entre o vivido e o esquecido” (105). Interessa-lhe analisar o consumo de álcool não como uma conduta patológica, mas sobretudo como uma prática social tecida de laços e desenlaces sociais (109). O “copinho atrás de copinho pode ser uma forma de evasão da dura vidinha” (118). As tabernas são “espaços de encontros, reencontros mas também de evasão de medos, receios, preocupações, preenchimento de vazios e de distração” (119). São espaços de homossociabilidade, mas

também de fuga e sobrevivência masculina à solidão (110). As mulheres só lá têm lugar fisicamente, como mulheres da vida ou dos copos. Simbolicamente, estão expostas na parede em trajes menores e posições eróticas. Na taberna esquece-se o real repetitivo ou sofrido, aprisionado à racionalidade que o comanda. Promove-se laços, embora ténues, de solidariedade social e uma relativa integração social que é dada pelo beber em conjunto (140-141).

O autor prossegue as suas deambulações pelos rastros da solidão em alguns lares para idosos. No estudo “Exilados da vida: a solidão na velhice”, mostra-nos que em alguns daqueles espaços os idosos coabitam com o sofrimento, o abandono e os maus-tratos. Resta-lhes, a alguns, as “recordações embalsamadas no tempo”, como é o caso da D. Rosalina, de 80 anos (147-148). A solidão hoje é mais “civilizada”, assim como é mais solitária a morte dos idosos institucionalizados em hospitais ou nos “*pisos dos fundos*” de asilos e lares de idosos. Esta solidão “civilizada” silencia a exteriorização do sentimento perante a dor, o sofrimento e a própria morte (175). Exilados da vida, os idosos estão juntos, mas só nos asilos e lares de solidão (179).

No estudo “Afectos virtuais: em busca de conexão” o autor é motivado pelo levantamento dos questionamentos que nos ajudam a interpretar a emergência e a natureza de alguns afectos contemporâneos, desembocando no universo de pesquisa dos amores virtuais. Neste estudo de caso, J. Machado Pais usou o método etnográfico na sua variante mais naturalística, buscando a compreensão dos significados das interacções em seus contextos fenomenológicos (187). Pôs em prática a variante da observação participante nos *chat rooms*; observou e participou; descobriu-se como *sociólogo galanteador*, pois o começo de uma interacção é decisivo para se conseguir atrair o outro ou a outra (190-191). Fez análise de conteúdo das conversações impressas. Em suma, envolveu-se com os outros para melhor os entender, afastando-se depois para melhor os analisar (187). Neste estudo, mostra-nos, por fim, que nos *chats* os utentes entram em “contacto com uma realidade submetida ao signo da instantaneidade e da ubiquidade. Os laços são frouxos, prontos a desatar a qualquer momento, ao sabor de interesses momentâneos, isto é, mutantes, dispersos, ambivalentes” (217-218). O autor conclui que no “domínio virtual pode ocorrer a busca de uma prova sensível da realidade, uma prova mínima de sociabilidade – o fim idealizado do desencontro como solidão e da solidão como destino” (222).

O recurso ao divino ou ao transcendental pode ser visto como possibilidade de resolução de problemas aparentemente insolúveis. “As pessoas que acreditam em qualquer poder transcendental têm a sua solidão mais mitigada” (254). No estudo “O desencanto com o mundo: a força do transcendental”, o autor sugere que o sentimento de pertença religiosa pode aliviar tormentos de angústia e de insegurança entre quem vive dilemas pessoais ou rupturas destabilizadoras (231). J. Machado Pais assistiu a alguns cultos promovidos pelo “Banco da Salvação” e por outras Igrejas recentemente implantadas em Portugal, como a Igreja Universal

do Reino de Deus e a Igreja Maná. Considera que “mais importante do que discutir definições abstractas sobre o que a religião representa, importa sobretudo ver como ela é vivida” (230). Para José, um sem-abrigo, a crença em Deus foi “uma forma de dar sentido a uma vida marcada pela incerteza, a dependência, os perigos inesperados, os caprichos do destino” (252). Considera, o autor, que talvez a procura de “Deus possa funcionar, em alguns casos, como uma espécie de imunização contra a solidão ou como um encontro de cada um consigo próprio, através da introspecção” (254). Por vezes, a experiência da solidão é vivida como diligência voluntária, como experiência de libertação, como é o caso de José (262). Outras vezes, ela “não é apenas corolário de ausências relacionais” (279). Através da solidão existencial de Kinkas, o autor mostra-nos que “as suas idas frequentes aos cemitérios e o convívio persistente com cães e gatos, podem significar uma tentativa de revitalização de relações sociais perdidas” (279). Ao serem convocadas, as tramas relacionais, neste caso passadas, preenchem vazios de solidão.

Em “Animais de companhia: vazio da perda”, o autor questiona sociologicamente a aproximação afectuosa em relação a cães, gatos e outros animais de estimação”, procurando compreender a sua “antropomorfização” (285). Reflete que é possível que, em alguns casos, os animais de companhia tenham ocupado o lugar das pessoas nos relacionamentos quotidianos, assim como é ainda possível que estes animais ajudem a contornar sentimentos de solidão e de isolamento entre quem vive desprovido de redes sociais ou laços afectivos (286).

De partida para Bucareste, J. Machado Pais encontra, no Aeroporto de Lisboa, mais um rosto de solidão de um “jovem envelhecido”, emigrante de Leste. No estudo de caso “Em Busca de um Oeste: imigrantes do Leste”, não só nos fala do “futuro distante” dos jovens Romenos, como nos dá conta da forma como Mihaela veio para Portugal na “tentativa de resolver os problemas da vida” (324).

Os rastros de solidão perseguidos pelo autor ao longo dos oito estudos de caso citados, levam-no a concluir que “ela se constitui numa pluralidade não redutível à suposta unidade presente em tal abstracção” (349). Como refere, os “rastros de solidão são rastros de diferentes vivências sociais, embora nada nos impeça de buscar a lógica complexa que a elas é comum” (349). A “solidão não é apenas uma realidade individual. O seu significado não é independente dos contornos sociais em que é vivida. O próprio medo da solidão é um medo social” (351). Existem, pois, várias formas de solidão. Ela pode viver-se quando se está com outros irrelevantes (e.g., no centro comercial, na taberna ou em família). Não é dependente da presença ou ausência física de outros, mas do tipo de relacionamento que se tem ou não com esses outros e, sobretudo, com um estado de ânimo interior, subjectivo e emocional (353). Também, nem sempre é vivida negativamente. Quando escolhida, a solidão pode fazer parte do desenvolvimento emocional dos indivíduos.

A solidão tem, como nos mostra o autor, vários rostos: há a *solidão do ressentimento* (“Exilados da vida: a solidão na velhice”), da *perda* (“Animais de

companhia: o vazio da perda”), da *disjunção* (“Em busca de um Oeste: imigrantes do Leste”), da *procura* (“Afectos virtuais: em busca de conexão”). Há ainda a solidão *possessória* (“As faces ocultas da loucura: o consumismo que nos consome”), *depressiva*, da *descrença* (e.g. *pisos dos fundos*), da *indiferença* e do *enclausuramento*.

Depois de lermos este livro deixamos seguramente de ser indiferentes a todos estes rostos de solidão que são também “máscaras de outras realidades” (357). Esta é uma obra de leitura indispensável e uma referência incontornável da Sociologia portuguesa. Trata-se de um livro que “esperava ser escrito” por J. Machado Pais.